

# CORIOLANO DURAND

DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

BIBLIOTECA PÚBLICA DO AMAZONAS

DOAÇÃO

feita por *A. Vargas*

*Mora*

Em *14/9/1923*

## DISCURSO

PRONUNCIADO A 8 DE DEZEMBRO DE 1923 POR OCCASIÃO DE SER APPOSTO O RETRATO DO DR. JONATHAS DE FREITAS PEDROSA NO SALÃO NOBRE DA CONGREGAÇÃO DO GYMNASIO AMAZONENSE, EM

MANÁOS

*Am 11  
8/12/23  
10/12/23*



\*\* LIVRARIA CLASSICA \*\*

\* Rua Guilherme Moreira, 1-3 \*

Canto da Rua Theodureto Souto, 9

\*\*\* Manáos - Amazonas \*\*\*

\*\*\*\*\* 1923 \*\*\*\*\*

FOLHETO

Nº 393

DATA 16.09.02

DISCURSO PRONUNCIADO A 8 DE DEZEMBRO DE  
1923 POR OCCASIÃO DE SER APPOSTO O  
RETRATO DO DR. JONATHAS DE FREITAS  
PEDROSA NO  
DURAND, CORIOLANO

D948

TOMBO:

AmM869.95

057488

AmM  
F. 393  
Ramo

BIBLIOTECA PÚBLICA DO AMAZONAS

Reg. a fls. 158. Bo. Catalogo Inventário.

sob o Nº. 738

N.º de Classificação

Em 12

8

1947



DR. JONATHAS DE FREITAS PEDROSA

Do Alvaro Maria  
o seu velho professor  
Correio

EX.<sup>MO</sup> SNR. REPRESENTANTE DO GOVERNADOR DO  
ESTADO,

MINHAS EX.<sup>MAS</sup> SENHORAS,

MEUS SENHORES,

CARISSIMOS COLLEGAS,

« Os mortos mandam », disse o maximo roman-  
cista peninsular. Mas corrigiu a affirmativa positivis-  
ta: « Não, os mortos não mandam; quem manda é a  
vida e, sobre a vida, o amor ».

A ninguém, mais do que aos que receberam  
nas escolas ensinamentos cuja vitalidade é bastante  
forte para atravessar, dentro da alma humana, a  
nebulosa estrada dos seculos, se poderia applicar  
com indiscutivel propriedade a formula atavica:  
« Os mortos governam os vivos » ou « Os profes-  
sores mortos governam os discipulos vivos » —  
professores de amanhã, que transmittirão a novos  
discipulos o roteiro imperioso que ha de nortear os  
homens na immensidade deste oceano cosmico, em  
busca da Verdade Absoluta, até hoje inalcançada.

Durante um grande passo do que tenho a dizer-

vos, falará a voz distante do morto, para vos declarar que tem razão o grande escriptor iberico: E' a Vida quem manda, é a Vida em toda a sua eternidade. O mando dos mortos é apenas effeito do pavor cosmico que, durante a travessia de millenios, creou uma serie de superstições e formulas, a que nos liga pelo atavismo uma crença cujos dogmas têm culminado nas estupefacientes revelações do espiritismo; é resultado da lei do menor esforço, incapaz de passar além das sensações, que, assim como distingue, no phenomeno thermico, o frio e o calor — gradações apenas do mesmo phenomeno — separa como distinctas duas phases da vida — as mais perceptíveis — denominando-as, antonymicamente, vida e morte. São, porém, a mesma infinita estrada cheia de alcandores e de abysmos, a mesma phenix renascente das proprias cinzas.

O dr. Jonathas de Freitas Pedrosa, que ás cellas qualidades de medico e pedagogo juxtapunha os attributos de profundo e, por vezes, pittoresco pensador, estereotypou a sua concepção da Vida, nesta synthese categorica que jamais renegou, nem mesmo no tragico momento de arrostar o terrivel arcano da morte:

Cada ser vivo é um foco dynamico irradiante de uma atmospheria vital que o envolve e lhe penetra o organismo, acompanhando-o por toda parte, como a atmospheria terrestre acompanha a Terra em todos os seus movimentos no espaço.

E' a profissão de fé do mais intransigente materialismo, materialismo que conservou e defendeu até transpôr os mysteriosos dominios do não-ser.

A alma — como phenomeno distincto, na essencia, dos phenomenos materiaes, alma que a metaphysica (explicados os phenomenos cosmicos por uma força intelligente e suprema em sua acção todo-poderosa) nos tem carregado através das idades como o *souffre-douleur* das contingencias impostas pela Natureza a todos os seres vivos — apresenta-se-lhe como materia de modalidade diversa das que recaem directamente sob a bisbilhotice das lentes perscrutadoras da sciencia, na sua faina de tudo pôr a nú. Essa intelligencia, essa força animadora a que chamamos espirito ou alma, longe de ser antinomia de materia, é a propria materia differentemente organizada e, como materia imponderavel, qual o perfume, por exemplo, sujeita á gravitação universal — congregado de cellulas, que, evoluendo em transcórreer millennario, attingiu a perfeição no que a materia fluida, impalpavel, possue de subtil e excelso.

Como o ether, como a atmospheria que circunda a terra na sua marcha ininterrupta em torno do sol, essa materia intelligente acha-se esparsa em todo o mundo cosmico, agindo, por contacto ou por catalyse, sobre outras cellulas igualmente materiaes. Assim como certos corpos, em contacto ou apenas em presença de outros, nelles produzem, por combinações ignotas, maiores ou menores alterações, essa intelligencia universal provoca nas cellulas de todos os seres vivos reacções mais ou menos profundas, que estabelecem differenciações equivalentes, no conjunto de seus phenomenos vitaes.

Entrando, pois, na composição do ser vivo, essa intelligencia apresenta, na sua diversidade dos demais corpos, apenas os caracteristicos que dissemelham um corpo de outro corpo differente-

mente constituído. A sua sobrevivencia a este em nada differe da sobrevivencia dos ossos á carne ou da dos pellos aos ossos. O corpo inhumado durante cinco annos perde, na transformação infindavel de que fala Lavoisier, as características que a uma parte sua deram a denominação de musculos, transmutada numa multidão de substancias que correrão mais tarde na seiva que nutre o lenho, reverdece os galhos e rebenta em flor, desabrocha em belleza, este irresistivel engôdo com que a Natureza invoca em clamores magicos, a rufos de desejos, a fecundação dos seres, para a perpetuação da Vida Universal.

Cinco annos, porém, não bastam para a desaggregação dessa formula chimica mais resistente do que a carne — os ossos. Nova serie de annos é necessaria á sua decomposição e reintegração no acervo immensuravel dos elementos cosmicos.

Serie mais longa ainda exige a transformação dessa substancia intelligente, que tambem virá um dia, em intermittencias de renovação e desaggregação, reencorporar-se á totalidade de cellulas que entram nas multiplas combinações realizadas no estupendo laboratorio universal, de onde resurgirão os homens e as lêsmas, as aves e os batrachios, todos os seres vivos, enfim, cujos sentimentos e sensações conhecemos apenas atravéz das nossas sensações e dos nossos proprios sentimentos.

Todos os seres vivos estão, portanto, sujeitos a identicas contingencias e fazem jús — na hypothese de premios e castigos *post mortem* — ás mesmas recompensas e ás mesmas punições, segundo o grau de facilidades organicas que a dosagem de moleculas inteligentes em cada um delles encontre para a producção do bem e do mal.

A sinceridade deste materialismo reintegra o homem na Natureza, buscando a verdade no total dos phenomenos cosmicos, considerando-o como parte inexcluivel do Universo.

Na rebusca da verdade, tem sido este, talvez, o maior erro, que insensivelmente o orgulho humano conduz os philosophos a commetter: — encararem o Universo como uma sequencia de phenomenos realizados consciente ou inconscientemente, mas sempre em funcção do homem, isto é, perscrutarem-n'o, tendo sempre presente, por uma especie de fatalismo, o distico vaidoso: « EU e a natureza ». Por isso, todas as doutrinas espiritualistas concebem premios e castigos applicaveis tão sómente ao homem, sem levarem em conta o espirito dos outros seres vivos, como o cão, por exemplo, capaz de commetter as mais insignes crueldades, sem que, ao menos, a tal o impilla o acume physiologico da fome.

Pela concepção sinceramente materialista da Vida, o homem não refoge á Natureza. Qual o porco e a pulga, o ichtiosaurio e os micro-organismos, vê-se elle trancado dentro das lindes insondaveis da Natureza, particula infinitesimal e inseparavel do seu todo, do qual não ha fugir, nem mesmo em pensamento. Por mais alto que este ascenda, por mais longe que irradie, por mais baixo que elle desça na elaboração de doutrinas, de principios, de concepções, haverá sempre um tenue fio, tecido do proprio pensamento que se adelgaça, que o prende fatalmente ao cerebro que lhe deu azas e o soltou na immensidade infinita, mas que o liga á Natureza, como o tronco que se esgalha no espaço, tendo as raizes fortemente implantadas no solo que o alimenta.



Assim, é o Universo constituído por uma serie de phenomenos que se reproduzem segundo as propriedades intrinsecas das differentes modalidades da materia, que formam a somma de suas riquezas e combinações — sem leis preferenciaes pelo phenomeno homem, que se julga o magno sacerdote deste maravilhoso templo do Universo, quando não passa de mesquinha oblata no rito pagão celebrado polychromica e perpetuamente na incorruptivel cathedral da eternidade da Vida.

Dentro das raias do materialismo, a ethica é apenas função visceral do estomago — a satisfação plena deste órgão produzindo o bem, a sua insaciedade originando o mal, isto é, o bem nascendo do prazer, o mal derivando-se da dor.

Tem, portanto, a moral as suas bases assentadas em todos os festos do egoismo. E' o egoismo que rege a sociedade; é elle a mola real a cujo disparo se desencadeia a lucta desbridada pela existencia, na fatal e constante propagação das especies, consistindo o segredo functional da vida associativa — por uma serie de minimos sacrificios de cada um — no disfarce do egoismo de todos, que assume, então, as mais variadas e commoventes attitudes do altruismo — a grande mentira vital de que fala o supremo dramaturgo sueco. E' o egoismo refochado que solemnemente legisla, sob a embusteira belleza do collectivismo, o respeito á propriedade alheia — mas escondendo cautelosamente, nos refêgos da toga, a intenção de proteger a sua particular pro-

priedade. E' o respeito sagrado á vida de todos, reclamando á socapa o respeito á vida pessoal do legislador.

Mas o requinte do egoismo culmina na caridade, que nada mais é do que uma troca de beneficios. A esmola só é feita para carrear prazer a quem esmolas dá. E' a dor em nós causada pelo alheio soffrimento que nos leva a mitigal-o. Se a cada obolo esmolado correspondesse o aculeo doloroso de uma angustia, a caridade não existiria, a menos que, praticando-a, se conseguisse obter dor menor que a produzida pelo infortunio d'outrem. Ha sempre, pois, na caridade um fundo de subjectivo interesse; e onde quer que o bem radique as suas fontes — na crença ou na descrença — terá sempre como origem um principio egoistico, puramente social ou meramente religioso, vale dizer, a perspectiva de immediato prazer terreno ou a de remoto bem celeste.

Em meio das cogitações que o torturavam, o dr. Jonathas de Freitas Pedrosa não era um carola da sciencia, á semelhança dos fanaticos religiosos. Com zelo inexcedivel e com inexcedivel carinho, cultivou um dos seus mais nobres ramos, compreendendo, no entanto, que, como a religião, ella decreta com igual, se não peor intolerancia. Apesar dos seus progressos experimentaes, não conseguiu ainda liberar-se dos dogmas, que nella pullulam com rara intransigencia. Entendia elle que, em dado momento, as pesquisas humanas á cata da verdade esbarrariam na muralha intransponivel do nosso systema planetario, além da qual sómente a metaphysica, por vezes incomprehensivel e trôpega — embora mascarada de um materialismo obscuro,



## **AVISO**

**DEVIDO AO TAMANHO ORIGINAL DO DOCUMENTO.  
NÃO FOI POSSÍVEL DISPONIBILIZAR O SEU CONTEÚDO  
NA ÍNTEGRA. PARA TER ACESSO AO ARQUIVO DIGITAL  
COMPLETO, POR FAVOR, ENTRAR EM CONTATO COM A  
GERÊNCIA DE ACERVOS DIGITAIS NO  
CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA.**

**FONE: (92) 2125-5330**

**FAX: (92) 2125-5301**

**EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM**



Secretaria de  
**Estado de Cultura**



**CENTRO CULTURAL DOS  
POVOS DA AMAZÔNIA**